

**As Representações da Morte na Prosa
de Stefan Zweig e de Manuel Laranjeira**

Donzília Alagoinha Felipe

**Tese de Doutoramento em Línguas, Literaturas e Culturas
– Estudos Literários Comparados –**

ANEXOS

Fevereiro, 2017

ÍNDICE

ANEXO I - Figura 1. Carta de Stefan Zweig a Romain Rolland datada de 12 de Fevereiro de 1911.	i
ANEXO II - Fotografia 1. Herman Bahr e Romain Rolland em casa de Stefan Zweig em Salzburg, 1923.....	ii
ANEXO III - Fotografia 2. Casa em Salzburgo, no Kapuzinerberg onde Stefan Zweig viveu (1919-1935).....	iii
ANEXO IV - Fotografia 3. Casa em Bath onde Zweig morou entre Setembro de 1939 e Junho de 1940.....	iv
ANEXO V - Fotografia 4. Stefan Zweig e Koogan (esquerda) na livreria Guanabara no Rio de Janeiro.....	v
ANEXO VI - Fotografia 5. Retrato do casal Stefan e Lotte Zweig em Bath, 1939.....	vi
ANEXO VII - Fotografia 6. Visto de residência permanente, emitido pelo Consulado de Buenos Aires.....	vii
ANEXO VIII - Fotografia 7. Residência de Stefan e Lotte Zweig no Brasil, Petrópolis.....	viii
ANEXO IX - Figura 2. Árvore genealógica de Manuel Laranjeira.....	ix
ANEXO X - Fotografia 8. Batalha de Flores em Espinho por volta de 1900.....	x
ANEXO XI - Fotografia 9. Nas ruas de Espinho (1909) Manuel Laranjeira e a amante Augusta.....	xi
ANEXO XII - Fotografia 10. Campa de Manuel Laranjeira em Espinho, 2016.....	xii
ANEXO XIII	
Imagem 1. Caricatura de Manuel Laranjeira desenhada por Amadeo de Souza-Cardoso, 1906.....	xiii
Imagem 2. Caricatura de Manuel Laranjeira desenhada por Amadeo de Souza-Cardoso, 1906.....	xiv
Imagem 3. Caricatura de Manuel Laranjeira desenhada por Amadeo de Souza-Cardoso, 1906.....	xv
ANEXO XIV - Figura 3. Discurso do Centenário da morte do Dr. Manuel Laranjeira.....	xvi
ANEXO XV - Fotografia 11. Casa de Manuel Laranjeira em Espinho, 2016.....	xxiv
ANEXO XVI - Figura 4. Entrevista realizada a Anthero Monteiro 2016 em Espinho.....	xxv
ANEXO XVII - Figura 5. Entrevista realizada aos proprietários da casa Manuel Laranjeira 2016.....	xxxiii
ANEXO XVIII - Figura 6. Carta de Manuel Laranjeira a M. Luís de Almeida de 26 de Julho de 1903.....	xxxv
ANEXO XIX - Figura 7. Carta de Stefan Zweig a Rainer Maria Rilke de 5 de Agosto de 1907.....	xxxvii
ANEXO XX - Figura 8. Carta a Hoffmannsthal datada do dia 16 de Fevereiro de 1908	xli
ANEXO XXI - Figura 9. Carta de Manuel Laranjeira a M. de Unamuno de 14 de Outubro de 1908.....	xlii
ANEXO XXII - Figura 10. Carta de Stefan Zweig a Sigmund Freud de 21 de Outubro de 1932.....	xliii
ANEXO XXIII - Figura 11. Carta de Manuel Laranjeira a Amadeo de Souza-Cardoso Novembro 1905.....	xlvi
ANEXO XXIV - Figura 12. Carta escrita por Stefan Zweig a Friderike Zweig a 27 de Outubro de 1941.....	xlvi
ANEXO XXV - Figura 13. Carta escrita por Manuel Laranjeira a M. de Unamuno 15 de Fevereiro 1912.....	xliv
ANEXO XXVI - Fotografia 12. Richard Strauss, para quem Stefan Zweig fez um libreto	l
ANEXO XXVII - Fotografia 13. Campa de Stefan e Lotte Zweig em Petrópolis, Brasil	li
ANEXO XXVIII - Figura 14. Declaração. Último documento escrito por Stefan Zweig	lii
ANEXO XXIX - Figura 15. Entrevista realizada ao Dr. Flávio Laranjeira, 2016 em Espinho.....	liii

ANEXO I

Figura 1. Carta de Stefan Zweig a Romain Rolland datada de 12 de Fevereiro de 1911.

Beck, Knut *et al.* *Stefan Zweig, Briefe 1914-1919*. 1ªed., Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 1998, pp. 226.

An Romain Rolland

Wien, 12. fév. 1910 [= 1911]

Cher monsieur,

je serai à Paris en passage pour [= de passage au cours d'] un voyage en Amérique le 20 et 21 février et il me serait un plaisir extraordinaire de pouvoir vous voir. C'est pas une curiosité superficielle, mais aussi un peu une visite des affaires. Nous sommes en Allemagne maintenant un cercle (encore restreint) des hommes qui vous aiment bien, qui font des efforts chez les éditeurs pour avoir le »Jean C[h]ristophe« entier en Allemand et qui veulent vous gagner pour tenir des conférences chez nous. Le public Allemand ne sait encore rien (ou peu) de votre œuvre, mais nous nous chargerons de faire l'intermédiaire. Je serais heureux si je pourrais vous raconter que les meilleurs (et surtout à Vienne!) vous aiment bien et je vous prie de me [= m'en] donner l'occasion. Si possible donnez moi deux heures différentes quand je pourrais vous voir, car mes amis Bazalgette et Verhaeren auront sans doute déjà disposé de mon temps quand je serai arrivé et je ne voudrais pas vous manquer. Mon [= Ma] adresse est: Paris, Hôtel du Louvre
boulevard de l'Opéra.

Agréez, cher monsieur, l'assurance de mes sentiments les plus distingués

Stefan Zweig

ANEXO II

Fotografia 1. Herman Bahr e Romain Rolland em casa de Stefan Zweig em Salzburg, 1923.

Renoldner, Klemens; Fritz Elisabeth. Stefan Zweig» *Ich habe das Bedürfnis nach Freunden* «(Erzählung, Essays und unbekannten Texte). 1^a. Auflage, Wien, Styria Premium, 2013, pp. 164.



ANEXO III

Fotografia 2. Casa em Salzburgo, no Kapuzinerberg (Monte dos Capuchinhos), onde Stefan Zweig viveu (1919-1935).

Fonte: <http://www.casastefanzweig.org> [Acedido Novembro 2016]



ANEXO IV

Fotografia 3. Casa em Bath (Inglaterra) onde Stefan Zweig morou entre Setembro de 1939 e Junho de 1940, antes de fugir para o Brasil, via Nova York.

Fonte: <http://www.casastefanzweig.org/> [Acedido Novembro 2016]



ANEXO V

Fotografia 4. Stefan Zweig e Koogan (esquerda) na livraria Guanabara no Rio de Janeiro.

Fonte: [http:// www.casastefanzweig.org](http://www.casastefanzweig.org) [Acedido em Janeiro 2016].



ANEXO VI

Fotografia 5. Retrato do casal Stefan e Lotte Zweig em Bath, 1939

Renoldner, Klemens; Fritz Elisabeth. Stefan Zweig «*Ich habe das Bedürfnis nach Freunden*» (*Erzählung, Essays und unbekannten Texte*). 1. Auflage, Wien, Styria Premium, 2013, pp. 256.



ANEXO VII

Fotografia 6. Visto de residência permanente (no Brasil), emitido pelo Consulado de Buenos Aires.

Fonte: <http://www.casastefanzweig.org> [Acedido em Janeiro 2016]

Permanente. Autorizado pelo Ministério das Relações Exteriores, dispensado de toda documentação, de acordo ao telegrama Nº84 de 5-11-1940.

CONSULADO GERAL do BRASIL em BUENOS AIRES

Visto n. 456 Bom para o Brasil

Nome: Stefan Zweig

Viaja para o Brasil em caracter: Permanente

De acordo com o art. 24/2a Letra do Dec. n. 3010 de 20-8-33

15
VISAS
Pagou \$ m. arg. 500 mil Ps. ouro

Recebeu a documentação completa apresentada.

Buenos Aires, 5 NOV. 1940

PELO CONSUL GERAL

SELO CONSULAR
10\$000 OURO

15 NOV 1940

RECEBUE

ANEXO VIII

Fotografia 7. Residência de Stefan e Lotte Zweig no Brasil, Petrópolis.

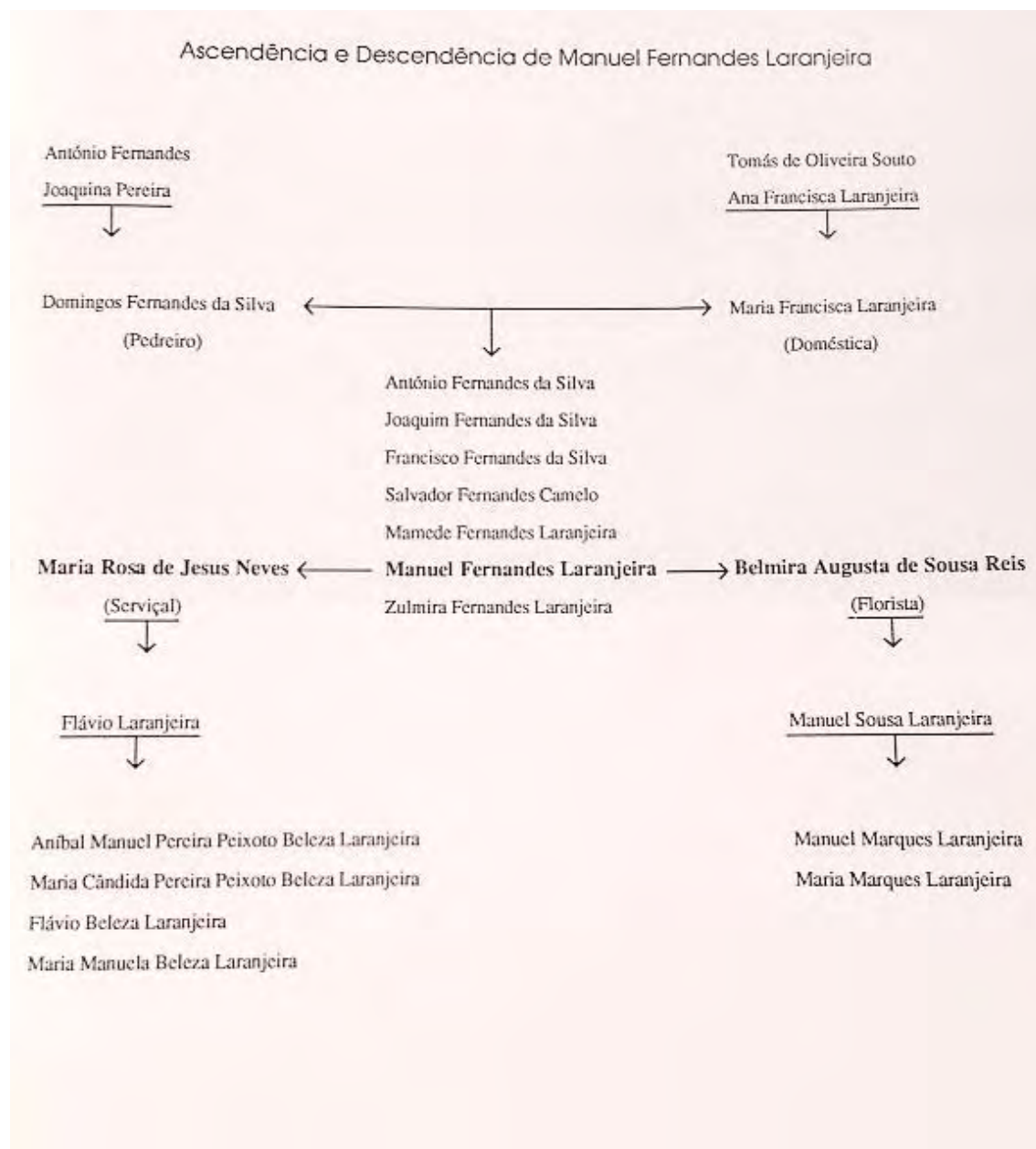
Fonte: <http://www.casastefanzweig.org> [Acedido em Março 2016]



ANEXO IX

Figura 2. Árvore genealógica de Manuel Laranjeira.

Silva, Orlando da. *Manuel Laranjeira (1877-1912) - Vivências e Imagens de uma Época*. Vergada, ed. do autor, 1992, pp. 53.



ANEXO X

Fotografia 8. Batalha de Flores em Espinho por volta de 1900.

Foto cedida por Carlos Fonseca [Novembro 2016].



ANEXO XI

Fotografia 9. Nas ruas de Espinho (1909) com Manuel Laranjeira (1ª figura à direita) e a sua amante Augusta grávida (1ª. figura à esquerda).

Silva, Orlando da. Manuel Laranjeira (1877-1912) - *Vivências e Imagens de uma Época*. Vergada, ed. do autor, 1992, pp. 350.



ANEXO XII

Fotografia 10. Campa de Manuel Laranjeira em Espinho, 2016.

Foto de Donzília Filipe [Abril de 2013].



ANEXO XIII

Imagem 1. Caricatura de Manuel Laranjeira desenhada por Amadeo de Souza-Cardoso, 1906.

Silva, Orlando da. Manuel Laranjeira (1877-1912) - *Vivências e Imagens de uma Época*. Vergada, Ed. do autor, 1992, pp. 232.



Imagem 2. Caricatura de Manuel Laranjeira desenhada por Amadeo de Souza-Cardoso, 1906.

Silva, Orlando da. Manuel Laranjeira (1877-1912) - *Vivências e Imagens de uma Época*. Vergada, ed. do autor, 1992, pp. 233



Imagem 3. Caricatura de Manuel Laranjeira desenhada por Amadeo de Souza-Cardoso, 1906.

Silva, Orlando da. Manuel Laranjeira (1877-1912) - Vivências e Imagens de uma Época. Vergada, ed. do autor, 1992, pp. 254.



ANEXO XIV

Figura 3. Discurso do Centenário da morte do Dr. Manuel Laranjeira
Cedido pelo casal Fonseca [Abril 2013].



Vinte e dois de Fevereiro 1912
h
23,30pm =

(More livre, por sorte própria,
nesta casa,

Manuel Fernandes Saraiva

Filho de = Domingos Fernandes ~~Saraiva~~ Silva
e de - Maria Francisca Saraiva

- = Senhor Presidente da Câmara Municipal de Espinho
 - = ~~Senhor Presidente da Câmara Municipal de Santo Maria da Feira~~
 - = Senhor Presidente da Assembleia Municipal
 - = Senhor ~~Presidente da Câmara~~ Vice-presidente da Câmara Municipal de Espinho
 - = Senhores Vereadores das Câmaras de Espinho
S.^{as} V.^{as} C. N. S.^{as} O Santo Maria da Feira
 - = Familiares de Dr. Manuel Lagezeira a quem
estamos presentes
 - = Srs. presidentes das juntas de freguesia
 - = Srs. Representantes do gabinete de apoio à Jereação
 - = Srs. Directores de Escolas e Agrupamentos de
Espinho
 - = Sr. Dr. Manuela Aguiar
 - = Sr. Dr. João Guedes
 - = Sr. Orlando Silva
 - = Sr. Dr. António Monteiro
 - = Sr. Dr. Francisco Brandão
 - = Sr. ~~Dr. Celestino~~ Portela
 - = Sr. J. Cândida
 - = Sr. Idalina
 - = Sr. Bonçom
- Minhas Senhoras e meus Senhores

(2)

É 'nosso privilégio - taquílica Lédotense; podermos reunir, hoje e aqui, um pequeno número de pessoas, que pelas funções que desempenham, foram convidadas, e nos deram a subida honra de aceitarem o nosso convite.

É 'também nosso privilégio, e este de teor mais sentimental, termos hoje entre nós os netos de Manuel Saraufeira, que a nós se associaram neste simples mas muito, muito sentida homenagem.

- A todos o nosso muito obrigado.

Não é nossa pretensão falarmos da personalidade multifacetada do nosso homenageado. Deixemos isso aos académicos seus estudiosos, que o fazem com o saber que lhes reconhecemos e que a nós faltaria certamente.

As nossas palavras serão de valor sentimental, acerca desse homem fascinante, que pela sua inteligência acima da mediocridade fez ^{um pensamento} muito para além do seu tempo. Diz de si próprio:

- Sinto-me deslocado do meu tempo; talvez por ser do meu tempo. Mas tenho a impres-

(3)
São que devia ter nascido há dois séculos
ou daqui a dois séculos...

Quem era, afinal, Manuel Lapa eira?
O médico, o psiquiatra, o escritor, o artien-
lista, o diarista, o poeta, o comentarista,
o ensaísta, o conferencista, o político?

• Ele foi tudo isto.

"gastei a prociade, a saúde, metade
da minha vida - a aprender."

E aprendi o que ninguém ou
quase ninguém, na minha idade
conseguiu aprender neste país de
ignorantes e frades." São suas estas
palavras.

Mas este homem grande da cultura
foi ainda político, e pitudo foi raramente
se cruzam e nunca convivem pacifica-
mente. Mas Manuel Lapa eira conseguiu
esse feito, deixando-nos a lição.

A metade da vida que ele diz ter
gasto a aprender, viveu-a nesta casa.
Nesta casa escreveu, certamente, muita da
sua obra, exerceu a sua profissão de médico,

Aqui se sentiu ineficaz com a Socie⁽⁴⁾.
dade do seu tempo, aqui perdeu as forças
físicas que as doenças de que padecia lhe
foram roubando. Aqui começa a sentir-se
impotente para combater, através da socie⁽⁴⁾,
como sempre tinha feito, aquilo a que
muitos ^{vezes} chamam hipocrisia social.

Mas foi também aqui que ele
se mostra o homem bom, o sentimen-
tal, quando recebe a sua mãe, num
simples papel:

"Mãe é um desejo esquecido este meu:
plante uma roseira sobre a minha so-
pultura. Depois, quando me quiser falar
lá lá beber o perfume das rosas,
que esse perfume é a minha alma."

Teria de ser, pois, aqui esta simples hom-
ragem por que a história celebrada, fica
sempre mais ~~em~~ enriquecida no local
onde aconteceu.

Hoje estamos celebrando 100 anos
sobre a morte de um dos nossos maiores.
Estamos cumprindo um dever que mal
ficará completo, se mal soubermos passar

O testemunho da continuidade. (5)

Luis Vaz de Camões, no 2.º estrofe
do Lusíadas diz-nos:

"E afueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando,
Cantando espalharei por toda a parte."

Estamos, hoje, cantando, um homem que
Espírito não pode, mas deve e não quer
certamente sofrer.

Libertamo-lo da lei da morte e
passemos, neste ano do seu Centenário,
o nosso testemunho ao seu depois de três
séculos.

Manuel Saraiva merece-o e
Espírito saberá fazê-lo certamente.

No tempo de Manuel Saraiva, Espírito
era uma terra de cultura; por onde passava-
ram vultos grandes da Literatura, da
Música, da Pintura. Com muitos deles
se relacionou. Não fora tão curta a sua
vida, e que extensa seria hoje a sua obra.
Orlando, Tudo o que passamos, fazemos neste
ano do Centenário, contribui certamente
para enriquecer o panorama cultural do
Espírito de hoje.

Isto é também Cidadania. (6)

Com a vontade dos políticos, a força voluntária do povo e a ajuda dos homens do saber, honremos o passado.

Uma terra que esquece o seu passado ou afofete que nesse passado foram grandes

mas terá certamente grande futuro, porque ao esquecer, tem um presente tibio e enfraquecido, que quer ser uma cadeia que tem de ser continua e forte - a grande cadeia da nossa história.

Isto ^{será} um sonho, ^{mas um} ~~que~~ sonho ^{que} terá de ser realidade!
fin

ANEXO XV

Fotografia 11. Casa de Manuel Laranjeira em Espinho, 2016.

Foto de Donzília Filipe [Abril de 2013].



ANEXO XVI

Figura 4. Entrevista realizada a Anthero Monteiro dia 10 de Novembro de 2016 em Espinho.



Donzília Alagoinha Filipe
Doutoranda em Línguas,
Literaturas e Culturas, na
especialidade Estudos Literários
Comparados na FCSH-UNL.

Lisboa, 31 de Outubro de 2016

Exmo. Senhor Anthero Manuel Dias Monteiro,
(Especialista na área de Estudo sobre Manuel Laranjeira)

O meu nome é Donzília Alagoinha Filipe sou aluna do terceiro ciclo de doutoramento em Línguas, Literaturas e Culturas.

No presente momento estou a realizar um trabalho de investigação, inserido no projecto da dissertação de doutoramento em Línguas, Literaturas e Culturas, na especialidade Estudos Literários Comparados, na Faculdade Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa. Sob orientação da Professora Doutora Helena Barbas.

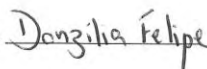
A minha tese tem o título «As Representações da Morte em Prosa de Stefan Zweig e Manuel Laranjeira». Este estudo é a uma análise comparativa entre obras de dois autores: o português Manuel Laranjeira [1877-1912], médico de profissão e o austríaco Stefan Zweig [1881-1942]. Ambos escritores vivenciaram épocas e culturas diferentes (a portuguesa e a germânica) partilhando o início do século XX e o terrível facto biográfico do suicídio. Entre outros aspectos a abordar, pretendo consolidar um pensamento crítico em torno da construção narrativa pela qual se efectiva a imagem literária da morte e do suicídio; bem como destacar semelhanças e diferenças entre os aspectos psicológicos, sociais e históricos das respectivas culturas.

Perante a análise da bibliografia, venho solicitar a V. Ex^a, a sua colaboração. Pedia-lhe o favor de responder por escrito (na página anexa) às questões abaixo. O objectivo seria poder incluir mais informação fidedigna no meu projecto de investigação. Os dados serão posteriormente analisados e incluídos na minha tese de doutoramento.

As questões seriam as seguintes:

- 1- Como se revela a importância da temática da morte na obra de Manuel Laranjeira?
- 2- Que importância é dada à religião na obra deste autor?
- 3- Considerando a vida de Manuel Laranjeira, qual foi o maior motivo para ter-se suicidado?
- 4- Ainda sobre a vida deste escritor, pode-se afirmar que tinha um lema de vida? Porquê?
- 5- Como se pode caracterizar o universo feminino na obra e na vida de Manuel Laranjeira?
- 6- Na sua opinião, qual é o legado deixado por este autor?
- 7- Manuel Laranjeira era crítico da sociedade da sua época. Existem semelhanças com a sociedade actual?

Agradeço a sua disponibilidade e a colaboração prestada,

A doutoranda, 

Respostas:

1- Como se revela a importância da temática da morte na obra de Manuel Laranjeira?

O tema da morte surge praticamente em toda a obra de Manuel Laranjeira, mas sobretudo na poesia, na epistolografia e no *Diário Íntimo*: “Em tudo vejo a morte! (...) A morte, sempre a morte” – escreveu num soneto. Há, todavia, muitas outras frases suas sobre o assunto que ficaram lapidares: “Toda a verdade é morrer”; “A vida dá vontade de morrer; e ainda: “O remédio é naufragar”. Para ele, a morte era libertação e representava a futura osmose com o Absoluto, tal como o místico Plotino acreditava na reintegração da unidade perdida e sempre presente no fundo de si mesmo.

No entanto, o termo “morte” em Laranjeira remete quase sempre, não tanto para a morte passiva, mas muito mais para o suicídio, que considera “o acto lógico da mais intensiva vontade”. Quando diz, numa carta a Amadeo de Souza-Cardoso, que “Isto há-de acabar mal decididamente” está, evidentemente, a referir-se à morte voluntária que já antevê ou crê como provável. Mais tarde, noutra carta a Unamuno, alude à sua “crença na morte libertadora”, mas como “um recurso nobre” ou como “uma espécie de redenção moral” ao alcance do futuro suicida. A mesma ideia está implícita noutras passagens do *Diário*, como naquela onde refere que “O melhor é partir desiludido sem saudades”.

A influência é também do contexto finissecular decadente em que viveu, mas é impossível esquecer que não foi certamente por acaso que o escritor espinhense considerava, como seus modelos mais influentes, três artistas que, antes dele, optaram também pelo suicídio: Camilo, Soares dos Reis e Antero de Quental.

Além disso, Laranjeira seguiu os ensinamentos dos estoicos (Marco Aurélio, Séneca) e, por isso acreditava e escreveu a Unamuno, dizendo que, “mais que saber se vamos para a vida ou para a morte, me preocupa saber se morreremos nobre ou miseravelmente” e que “a vida é uma coisa bem pequena, bem desprezível. O importante é o uso que se faz dessa vida. Um minuto de vida bem empregada vale mais do que a eternidade da vida inutilmente vivida”.

Em Laranjeira, o suicídio constituiu um protesto de um inconformado com o que a vida (não) lhe concedeu.

No entanto, Manuel Laranjeira representava muito mais do que isto: é que, se é certo ter reivindicado este direito à morte voluntária, convirá não esquecer que também afirmou que “há um direito que o homem precisa de reivindicar: é o direito de viver”, e por ele se bateu como algo que considerava sagrado.

2- Que importância é dada à religião na obra deste autor?

Num ateu e anticlerical não há lugar para a religião, mas ML não se furta a abordar o assunto a vários níveis.

Para ele, o Deus que lhe ensinaram na infância estava morto e tal, como Ernesto Haeckel, considerava-O um “vertebrado gasoso”. A biologia é que era “o evangelho dos homens de hoje”.

Arreda-se, pois, de um Deus transcendente, mas crê na imanência, no carácter de certo modo divino da Natureza, no Universo e no Movimento da Matéria. O imutável não existe, porque tudo obedece ao princípio budista da temporalidade, segundo o qual só uma coisa permanece constante – a mudança.

Mas o seu pensamento não se limita à não-crença: esta negação transforma-se na afirmação de que o Homem tem que tentar inventar outro sentido, uma espécie de religiosidade cósmica, mas laica, que é crença, sim, mas sobretudo na infinita comunhão, não apenas dos homens, mas de todos os seres. E os homens não podem ficar passivos à espera da vontade divina. Só possuirão aquilo que conquistarem por si próprios.

Apesar de tudo, ML reverencia Cristo como um místico que é o «símbolo vivo de uma das mais belas ondulações do pensamento» e também porque foi “réu de um crime do Ideal.” O escritor disse de si próprio ser também ele um místico, mas um místico desta vida moderna, sem Deus, também um homem de ideais,

cujos caráter é também numinoso. Acreditava na possibilidade de “realização de um ideal de felicidade universal”. Por isso, Unamuno o achou “um espírito sedento de luz, de verdade e justiça”.

Desta ideia progressista e otimista nasce a certeza de que «o homem do futuro sai triunfando do homem do passado». Isso está bem explícito no seu texto antológico «Espírito antigo e espírito moderno.» O espírito antigo representa «a humanidade que recua (...), está «enquistado no passado» e é «uma força esterilizante». O espírito moderno é «a humanidade que avança (...), é o espírito humano florescente e bracejando para o futuro. E enquanto o espírito antigo valoriza um capital inútil, o espírito moderno «dedica as horas da sua vida a aumentar, pacientemente, laboriosamente, o pecúlio (o património) intelectual da humanidade.»

É a isso que chama “fazer cultura”, incluindo aí a Arte que era, para ele, o mais nobre dos misticismos e também uma redenção.

E terá este misticismo algo a ver com a Religião? Há certamente aspetos paralelos, porque, sendo o misticismo, segundo Unamuno, uma apurada «consciência do destino» e um processo de permanente procura individual do sentido das coisas, uma sensação de eterno, de Absoluto, de pertença a um Todo, uma experiência interior, vivida individualmente, aparenta-se com alguma religiosidade, mas não propriamente com a religião, porque esta implica uma comunidade de fiéis, uma crença, um culto e um ritual em lugar consagrado, o que nunca se adequaria ao caso de ML.

3- Considerando a vida de Manuel Laranjeira, qual foi o maior motivo para ter-se suicidado?

Mil motivos se conluiaram para o levar ao suicídio. Não é fácil determinar o motivo maior. A sorte em vida de Laranjeira nunca lhe foi benigna. A doença persegue-o desde a juventude, a ponto de, aos 22 anos, já usar bengala. Médico até de si mesmo, dizia ser o mais miserável dos seus doentes. Parecia um hipocondríaco. A leitura das *Cartas* e do *Diário Íntimo* revelarão um homem ciclotímico (ou bipolar) com fases de profunda abulia, dominado pelo tédio e pelo pessimismo. Os empecilhos à ação revelam-se ali proteiformes: a «irmã histeria», a neurastenia, a nevrose, a psicastenia, «meus pobres nervos enfermos» ou «desmoralizados», a sonolência, o sono patológico ou hipnótico e doloroso, a febre, «uma febre hepática», «uma tosse asmática insuportável», «aquela horrível dor de cabeça», o tédio, «crises depressivas» ou «uma crise de tempestades íntimas», uma «repugnância invencível», «esta minha desdenhosa impassibilidade».

Depois, nunca conseguiu cumprir um dos seus maiores sonhos – ir para Paris – como fizera o amigo Amadeo de Souza Cardoso. Resignou-se a ser o amparo da mãe e não pôde separar-se dela.

Há palavras que surgem recorrentemente como ácido dissolvente nos seus escritos: “tédio” ou “gris”, que correspondem ao ambiente decadentista finissecular, o que também pesa nas razões do suicida.

No *Diário Íntimo* dá ainda conta da investida da tuberculose, que roubara a vida do pai e iria ceifar o irmão e outros membros da família. Conhece, por isso, perfeitamente aquela sintomatologia e, como a sua tosse é idêntica, «começo a pensar que morro e que esta tosse pertinaz é o começo do fim...». Agora, é o irmão; tem a certeza de que a seguir será ele.

Laranjeira previra que tudo iria acabar mal. Ainda numa altura em que não chegara a “uma conclusão tão radical”, escrevera numa carta de 1905 (a 7 anos da sua morte) que, “se a vida me fosse absolutamente intolerável – liquidava-a. E a vida só me seria intolerável no momento em que eu me sentisse inútil para mim e para os outros. E em tal extremo ainda, o que eu tinha a fazer de melhor – era acabar.”

Mas o facto de se saber tísico parece ter precipitado o seu suicídio. ML esconde a verdade na última carta que escreveu a Unamuno e prefere dizer: “adoeci com uma febre hepática que me prostou na cama e creio que me levará à morte. Aí está porque lhe não escrevi (...). Adeus, meu querido amigo, até... não sei quando.”

Chegara um ponto, porém, difícil de escamotear. Já não conseguia trabalhar, nem sequer segurar a pena muito tempo.

Lembrou-se certamente de Camilo que, também impedido de escrever por causa da cegueira que o médico lhe previu iminente, pôs fim à vida com um tiro de revólver. O caso de Laranjeira era mais grave: iminente

era a morte e ele achou por bem antecipá-la.

Imbuído das filosofias epicurista e estoica, com elas aprova a morte voluntária e heroica. E tendo concebido a vida como arte, fez da sua uma peça de teatro trágica, de que foi protagonista, pois só poderia aceitar um epílogo trágico com uma moral estética, à maneira de Petrónio: o suicídio e não a simples morte que cabe a qualquer figurante. Recusou, assim, também a vida como mero plágio das demais (Emil Cioran diz que «existir é um plágio»). Revoltado, quis apenas afirmar que «mais vale morrer de pé do que viver de joelhos» (Albert Camus). O amigo Roberto Fernandes que esteve com ele naquele dia fatídico e o viu depois prostrado e de boca aberta, referiu que o que aquela boca pretendia dizer a todos era: “Irreverente como sempre fui, até me ri da Morte, porque me antecipei a ela...”

Essa atitude de rebeldia criativa, autêntico desafio ao Criador, foi assim sintetizada magistralmente pela frase de Unamuno: «Matou-o a vida. E ao matar-se, deu vida à morte.», ou seja, deu-lhe um significado.

E se o êxtase, que é para muitos a essência do misticismo, representa o antecipado e ansiado contacto com o Divino, este foi o êxtase do místico Laranjeira, também antecipada comunhão com o seu Deus-Natureza.

4- Ainda sobre a vida deste escritor, pode-se afirmar que tinha um lema de vida? Porquê?

“Trabalhar, trabalhar, trabalhar” parece ser o seu lema e não é por acaso que, quando deixou de conseguir fazê-lo, optou pela morte voluntária. São inúmeras as passagens dos seus escritos em que esse verbo ou o substantivo “trabalho” pontificam, sobretudo nas suas fazes mais solares. Respiguemos algumas:

“Passo o dia a trabalhar, a escrever. Tenho por momentos a impressão de que na vida ainda vale a pena fazer alguma coisa.”

“Trabalho desde o amanhecer.”

“Trabalho: lentamente, penosamente, mas vou trabalhando.”

“Insisto no meu trabalho. Sinto-me melhor, mais desafogado e com mais desejos de trabalhar.”

“Esqueçamos com o trabalho estas coisas de complicada sentimentalidade.”

“É preciso trabalhar, trabalhar, trabalhar, incansavelmente, infatigavelmente.”

“Trabalhar é o único meio actualmente de compor a vida como uma obra de arte e uma obra de arte como a vida.”

Consciente da fugacidade de tudo, recusa-a e esforça-se por construir sobre o efêmero a marca que teimará em permanecer. Sujeito a inúmeras intermitências, aproveita a maré-alta para singrar entre escolhos e impossibilidades por vezes longas, procurando «recuperar os dias perdidos»: «Estou a ver que terei de fazer de jacto numa descarga nervosa, como de costume.» Foi assim que escreveu, por exemplo, numa “crise de trabalho (umas seis horas de febre criadora)”, o drama em um acto *Às Feras*.

Não admira, pois, que muitas das obras que se esperariam de maior fôlego tenham ficado incompletas, ou que tenha praticado o texto próximo do fragmento, como aconteceu com o *Diário*.

A solidão a que se entrega não é, afinal, apenas misantropia: será muito mais devida à necessidade de aproveitar o tempo e de favorecer as condições de criação. Inúmeras vezes evita ir a casa de Augusta, porque «tenho medo de perder esta minha boa serenidade interior, que tão precisa me é para o trabalho.»

A obsessão do trabalho leva-o a escrever pela noite dentro.

Quando não consegue produzir, sente-se “*raté* – falhado”. E assalta-o o remorso da “ociosidade. Uma vergonha de que espero libertar-me – quando morrer. Não faço arte, faço *sport*”.

E trabalha para se conhecer (como foi o caso da sua tese, em que fez o seu autodiagnóstico de um médico doente de santidade) e também para aprender, desejo que está permanentemente presente na sua vida: “Eu gastei a mocidade, a saúde, metade da vida a aprender.”

Pois não dissera ele que “um minuto de vida bem empregado vale mais do que a eternidade da vida inutilmente vivida.”

5- Como se pode caracterizar o universo feminino na obra e na vida de Manuel Laranjeira?

Na obra e na vida de ML, sobretudo no *Diário Íntimo* e nas *Cartas* emerge uma personagem muito especial – a mãe – por quem o autor nutre um profundo amor e um respeito sem mácula. Trata-se de uma mulher do povo, inculta, analfabeta, crente em Deus, atreita a credices e ao culto de santinhos, e que, já com uma certa idade, necessita permanentemente da presença do filho. ML fala muito dela aos amigos, sobretudo a Amadeo, porquanto ela é apresentada como o único obstáculo que impede a ida do escritor para Paris, onde estaria mais próximo do amigo. Diz numa carta: “Se não fora a minha mãe, teria-me (sic) metido no comboio e desapareceria daqui para longe!” E noutra carta a Amadeo: “...eu iria sem hesitar, se não fosse a minha mãe a demonstrar-me com a sua velhice que eu devo permanecer aqui por enquanto.”

Foi a ela, aliás, que dedicou as suas últimas palavras e fez o último desejo, antes de morrer, de que ela plantasse uma roseira na sua sepultura e que, quando lhe quisesse falar, fosse lá beber o perfume das rosas, porque esse perfume era a sua alma.

Surgem no *Diário* outras duas personagens femininas que têm da parte do escritor um tratamento excecional, em relação às demais mulheres.

A primeira é a que identifica como sendo “a Morta”, ou seja, aparentemente uma rapariga que se terá suicidado por amor. José Manuel Vasconcelos, na introdução que faz ao *Diário* (edição Vega) dá a entender que, se nela houvesse algo de censurável da parte de ML, tudo fora suprimido pelo suicídio dela, pelo que todas as menções que lhe são feitas são repassadas de ternura, compreensão e respeitosa saudade. E acrescenta que ML “deixa-se tocar pelo angelismo daquelas em que a morte ou o sofrimento sublimaram já os desvarios da carne e do desejo.”

A segunda exceção terá sido a amante, a florista Augusta, com quem andou cerca de 3 anos até à rutura. Era também uma mulher do povo, pelo que esta ligação causou um verdadeiro escândalo em Espinho. O seu relacionamento flutua de acordo com as crises e intercadências da saúde do escritor. Chega mesmo a sentir-se maravilhado por achar que ela é “uma pessoa rara, daquelas que só desejam viver a vida com um pedaço de pão e muitas ilusões”. E ambos passaram dias e noites de paixão ou do simples encantamento de duas crianças que brincam juntas: “Andei hoje com a Augusta pela beira-mar, a apanhar seixos, a comer amêndoas, a saltar pelas rochas, sós, alegres, descuidados como nos romances. Essa hora teve para mim um encanto especial que eu nem sequer sei em que consistia...”

Há muitos outros momentos críticos e quase violentos, ausências de dias, alturas em que passa por ela e finge não a ver, regressando dias depois, sem que ela se mostre tão magoada ao ponto de romperem. ML respeita-a quase sempre, mas confessa em dada altura que chega “a sentir desprezo por esta criatura”. José Manuel Vasconcelos diz que ele “está dividido entre a consciência da inutilidade da sua relação com ela e o cuidado em não a magoar desnecessariamente.” Por isso, ML deixa-a viver “naquele engano de que ama e é amada”.

Tal como acontece com a Morta, ML usa um tom mais mitigado quando fala de prostitutas ou de outras mulheres que considera terem sido vítimas da sociedade. Convém lembrar que, tendo exercido o cargo de Delegado de Saúde, tinha a seu cargo a vigilância médica das prostitutas do concelho, pelo que terá tido o ensejo de as escutar e compreender.

Finalmente, vêm as outras mulheres com quem terá tido ligações fugidias, aventuras passageiras ou simples provocações ou de outras em quem encontrou algum interessado e interessante olhar.

O ambiente de Espinho, com milhares de forasteiros de verão, brasileiros, galegos, gente do Porto, de Lisboa e de outras cidades, era propício a esses encontros ocasionais, aos *flirts* ou façanhas amorosas. ML narra-o desta forma numa carta a Pedro Blanco, em 1908:

“Espinho volta a ser o romântico Espinho da nossa mocidade (...), Estão aí dezenas de mulheres, ansiosas de sarilhos, e fartas de maridos de bom senso. Está aí aquela rapariguinha de olhos grandes, vestida de preto, que passava as noites a ouvir, extasiada, olhos negros de tristeza, o violoncelo do Peninsular, e que fugiu um dia em que soube que o tal violoncelo era casado com uma espanhola nervosa e ruim. (...) No Peninsular, as mulheres atiram-se ao Alberti, ao glacial Alberti, que parece que nem as vê. (...) e uns olhos negros, uns olhos de sarilho, vieram agora atirar-me para o mundo delicioso das divagações. Vou divagar

um pouco. Adeus.”

No *Diário Íntimo*, Alberto Serpa, seu organizador, reduz, para não ferir suscetibilidades a ninguém, cada um dos nomes dessas mulheres que passam naquelas páginas, a uma letra do alfabeto. Pode aquilatar-se do número se soubermos que a ordem alfabética vai, pelo menos, até à letra Q. ML revela-se impiedoso com elas e diverte-se a magoá-las. Farta-se das “mulheres honestas”, porque sabe que essa virtude é desvirtuada pela hipocrisia. O amor é para ele comédia ou farsa. O tom da linguagem é, segundo José Manuel Vasconcelos, “profundamente irritante, misógino sempre que se refere às mulheres que passaram pela sua vida”. Por isso, ML diz de uma: “Ela devora a gente de calças, toda a gente onde ela adivinha a configuração máscula de um *phalus*”. E de outra: “A luz negra e ardente daqueles olhos negros e ardentes bate-me nas costas e eu sinto pesar-me nas costas esse negrume horrível e sujo”.

Esta será para muitos a maior fraqueza do autor do *Diário Íntimo*. São-lhe imputadas pelos mais diversos autores frivolidades e nódoas graves no seu pensamento e comportamento em relação ao sexo feminino:

- Revela “inexplicável moralismo e sobretudo reminiscências do básico preconceito cristão contra a mulher” / É, “como todos os moralistas, incapaz de compreender o desejo e o prazer”. (José Manuel Vasconcelos)

- É acusado de “torturas infligidas a Augusta” (Jorge de Sena)

- Considera “desprezíveis” todos à sua volta, incluindo os amigos e as mulheres (Maria Bello).

Ideia contrária tem o escritor Fonseca Gaspar que vê em ML “uma opinião sobre a mulher, bem avançada, mesmo nos tempos hodiernos, bem visível no facto de ferir os princípios burgueses de uma população provinciana com uma relação não ‘legalizada’, dignificando o outro elemento dessa relação, a Augusta referida no *Diário*, não fazendo dela a concubina do ‘senhor doutor’, como seria vulgar nesses tempos, com uma mulher inculta e de ‘condição inferior’. Pelo contrário, consegue ver-lhe por trás da opacidade da incultura, a essência humana, com ela comunicando e não apenas com um corpo-objecto”.

6- Na sua opinião, qual é o legado deixado por este autor?

Trata-se apenas do maior vulto pensante diretamente ligado às terras de Santa Maria da Feira e Espinho, que, todavia, pelo quanto tem de único e inimitável, vai adquirindo o estatuto de uma proeminente personagem de estatura nacional. Só não o é ainda sem quaisquer reticências, porque foi um escritor maldito, que se suicidou deliberadamente, que sempre se furtou aos lugares comuns, que abordou destemidamente assuntos considerados tabu, que foi sempre uma permanente denúncia da injustiça, da hipocrisia, da corrupção das instituições ou da sociedade, e que, tendo adotado uma filosofia e um pensamento divergentes em relação à maioria, tomou posições ainda hoje demasiado avançadas no tempo. Ocupar o lugar que lhe é devido será certamente um processo demorado e difícil, mas é plenamente justificado pelas múltiplas razões que vamos aduzir.

Manuel Laranjeira foi um profundo pensador, mas, como disse Unamuno, um “sentidor ainda maior.

O seu *Diário Íntimo* é ainda hoje uma obra sem paralelo na literatura portuguesa, demasiado crua e chocante porventura, mas de uma sinceridade que sobrepuja muitos outros escritos do mesmo género: até o *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, considerada uma obra de topo da literatura universal, lhe fica atrás nesse parâmetro, pois foi ditada mais pela ficção e pelo artifício do que pela verdade.

As *Cartas* de Laranjeira são documentos únicos da história da passagem do século XIX para o século XX e da sua convivência com grandes vultos do pensamento e da arte da altura, como foram, por exemplo, os escritores Miguel de Unamuno, João de Barros, João de Deus Ramos, Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, o músico Pedro Blanco ou os pintores António Carneiro ou Amadeo de Souza-Cardoso, entre muitos outros.

As suas peças de teatro, apesar de algumas inconclusas devido à doença, são o que de melhor produziu a dramaturgia portuguesa. João de Barros via-o como «o reformador do nosso teatro», graças ao seu prólogo dramático *Amanhã*, que Oscar Lopes reputou como «a ponta da seta mais avançada do nosso naturalismo». A crítica da altura recebeu a representação dessa peça de modo entusiástico, ao ponto de Laranjeira, que esperava que a imprensa, sobretudo a “alfacinha”, se atirasse a ele «como cães à manteiga», ter escrito, em carta ao seu amigo Luís Pinto Ribeiro, que o mais significativo fora «ficar eu sabendo de um modo certo

que em Portugal existe um público. O que nos falta é um teatro». E Laranjeira seria o autor desse teatro, se as circunstâncias da sua vida tivessem sido outras. Manuel Laranjeira foi ainda um poeta lírico único na abordagem do desespero e do sofrimento. A poesia intitulada «À tarde», porventura o seu melhor poema, é certamente mais amargo do que os poemas do *Só* de António Nobre, que se afirmava ser «o livro mais triste que se escreveu em Portugal».

A sua morte voluntária é também justificada pelo longo poema *Comigo*, em que o Pensador se esforça, num lúcido testamento, por transcender o sentidor e argumentar a favor da sua opção pela verdade em detrimento da mentira mascarada de felicidade. Já Henrik Ibsen escrevera em *Pato Selvagem* que «se se tirar a mentira vital a um homem comum, tira-se-lhe ao mesmo tempo a felicidade». E Laranjeira recusa deixar-se enganar como qualquer homem vulgar. Prefere a solidão e o silêncio, que é, afinal, a verdadeira verdade: «Medita bem e verás / que quanto existe no mundo / em silêncio se desfaz».

Laranjeira foi também um sábio esteta, para quem a arte era o seu misticismo, que implica um ideal centrado na beleza e que ele diz equivaler à virtude: «A virtude é a ânsia de compor a vida como uma obra de arte; a beleza, a ânsia de compor uma obra de arte como a vida».

Escreveu sobre questões artísticas, foi amigo próximo de pintores e de músicos, deixou-se deslumbrar pela pintura de Goya (“todo genesíaco, todo espírito”) e foi acometido de verdadeiro deleite estético ao ouvir a música de Beethoven e de Wagner sob a batuta de Richard Strauss.

Excelente pedagogo, provou-o com a participação num congresso pedagógico em Lisboa e com a defesa e divulgação que fez da *Cartilha Maternal* de João de Deus, das Escolas Móveis e dos Jardins-Escolas, inspirados nos seus métodos, escrevendo *A Cartilha Maternal e a Fisiologia* e, mais tarde, um artigo intitulado “A Obra de João de Deus e a Educação primária”.

Foi ainda um impiedoso polemista, «émulo de Camilo e José Caldas», como assegura João de Barros. Correia Garção foi uma das vítimas do seu azorrague satírico, assim como o prestigiado médico feirense, Dr. Augusto Aguiar Cardoso.

Fortemente interessado nas questões científicas e biológicas, realizou na Universidade Livre do Porto uma série de conferências sobre “A Vida”, abordando assuntos relacionados com a introdução ao estudo da Biologia, com o mapa biológico, o lugar do homem na natureza e as suas necessidades de adaptação e, ainda, a questão da antiguidade daquela ciência.

Era possuído pela urgência do saber, tornou-se dono de uma invejável e ampla cultura, chegou a aprender norueguês para poder ler Ibsen no original e tinha uma visão interdisciplinar da ciência, da arte e da vida. Foi, pois, um polígrafo que passou a minguada vida à procura de si próprio. No dizer de Nuno Júdice, «todos os aspectos da sua obra pluriforme não são mais do que expressões diversas da mesma busca de um ser cuja preocupação determinante é encontrar o tom da sua própria verdade». Essa procura traduziu-se na dispersão por uma grande diversidade de atividades, interesses, géneros e temas: médico, proprietário, ainda que por pouco tempo, de uma farmácia, poeta, crítico literário, prefaciador de obras (*A Freira no Subterrâneo* de Camilo, por exemplo), conferencista, dramaturgo, diarista, epistológrafo, político...

Laranjeira morreu prematuramente, mas era uma personagem demasiado avançada para o seu tempo, que cria na mudança e apostava na revolução permanente. Regozijou-se festivamente com o advento da República, mas, pouco depois, usando de uma lúcida vigilância crítica, já lhe encontrava, na prática, defeitos e incoerências. Era exigente e pedia muito mais: «Ser revolucionário em qualquer época é fazer parte duma corrente germinal, progressiva, contra uma corrente residual, regressiva».

O escritor, recentemente desaparecido, Fonseca Gaspar, investigador, contista e cronista colaborador do jornal *Notícias da Amadora* e um dos maiores laranjeirianos, escreveu nas suas *Prosas Nuas* que «Laranjeira é um construtor sim, mas de um tempo que ainda não existe e que talvez nunca venha a existir [e que] representa uma possibilidade de solução que pertence (pertencerá?) ao futuro, nunca ao nosso tempo. Lutou por uma dignidade humana conciliada com a lucidez ainda indizível, porque inexistente».

A voz de Manuel Laranjeira, ainda hoje a sentimos cáustica e interventiva, ainda hoje é uma semente de inquietação, ainda hoje escandaliza, ainda hoje interpela o presente e cada dia nos vai provando que continuamos errados. Se vivesse hoje, ouvir-se-ia, incómoda, no deserto de ideias deste país caduco, onde impera uma moral hipócrita incapaz de servir a comunidade, mas apenas cada um que diz professá-la.

Há vozes proféticas que verdadeiramente se impõem do fundo dos tempos. E a de Manuel Laranjeira continua a avisar-nos:

«Num país, onde a inteligência é um capital inútil e onde o único capital deveras produtivo é a falta de vergonha e a falta de escrúpulos – o diagnóstico impõe-se de *per si*. O desalento e a descrença alastram. No ar respira-se o ceticismo. E, à medida que o mal colectivo se vai resolvendo quotidianamente em tragédias individuais, o sentido da vida, em Portugal, parece ser cada vez mais fúnebre e mais indicativo de que vamos arrastados, violentamente arrastados por um mau destino, para a irreparável falência e de que nos afundamos definitivamente».

Tinha sempre uma visão original e diferente das questões e defendia que “uma verdade para triunfar precisa de ser antes discutida, agitada, sacudida, combatida.” Por isso, contribuiu, desde o início do século XX, para o debate que mais tarde se realizaria em relação a assuntos nevrálgicos como o misticismo, o suicídio, a eutanásia, o analfabetismo, a educação, a liberdade, os direitos do Homem, a revolução, a crise, a europeização.

Daí a sua indiscutível atualidade, que se pode aquilatar também, por exemplo, nos artigos que escreveu sobre o “Pessimismo Nacional” em 1907/8.

7- Manuel Laranjeira era crítico da sociedade da sua época. Existem semelhanças com a sociedade atual?

Uma carta incompleta de ML, cujo destinatário é desconhecido, foi publicado na p. 662 por Bernard Martocq no seu volumoso estudo, *Manuel Laranjeira et Son Temps* (1877-1912), Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, Paris, 1985. Nela surge uma das principais críticas ao nosso país. Retiramos alguns excertos:

“O mal da minha terra, amigo, não é a demagogia: é a ineptia. (...) Em Portugal o que ha é uma inverosímil collecção de idiotas.

Fez-se a revolução. Foi uma verdadeira revolução? Não: foi apenas um povo que mudou de traje. Por dentro estamos na mesma. O nosso grande mal é pensar como aquelles indivíduos que se julgam hypercivilizados, só porque andam vestidos pela ultima moda de Paris.

A revolução política para ser fecunda tinha de ser acompanhada d’uma revolução intelectual que se não fez, nem há indícios de fazer-se. O povo portuguez apresenta-se ao mundo, civilizado por fóra, e o que é preciso fazer, o que é urgente fazer, é civilisá-lo por dentro. Mas n’isso ninguém pensa, tão convictos estão todos de que para civilizar um povo basta fazer-lhe mudar de gravata.

Eis precisamente o nosso mal: é ninguém sentir necessidade de fazer cultura, é ninguém compreender que a inteligência é o grande capital dos povos modernos e a cultura a mais fecunda das revoluções. (...)”

Um dos flagellos de Portugal era o analfabetismo do povo: agora chove-nos mais esta praga, – o analfabetismo dos doutores. E é assim que a ineptia d’esta gente confunde cultura com diploma e julga que para civilisar o povo basta infectar o paiz de diplomados. (...)”

ML elaborou muitas outras críticas ao país, aos governantes, aos partidos, às Universidades e à Escolas, aos tribunais, em suma, a toda a sociedade portuguesa, à própria Europa.

Empenhou-se na moralização da Escola Médico Cirúrgica do Porto, a que chamou “o charco, onde, graças a Deus e ao Espírito Santo, não chafurdarei” (carta a Amadeo, 1908).

Criticou os brasileiros que visitavam, como turistas desconfiados, a miséria do povo e dos pescadores de Espinho, atormentados pelas invasões do mar, que destruíram setores da povoação.

Identificou, não apenas no seu diário e nas cartas, mas também nas peças dramáticas do Teatro Livre, ao estilo de Ibsen e Antoine, as principais vítimas de uma sociedade, onde havia gente necessitada e sem direitos: os famintos, os pedintes (e achava que dar esmola era contribuir para um crime ainda maior), os que roubam para comer ou dar de comer aos seus, os párias, destinados ao crime e à abjeção, os que são vítimas do abuso do poder, da injustiça, da justiça burguesa, da corrupção e do oportunismo.

Na peça *As Feras*, o oficial de diligências do tribunal comenta acerca de uma sentença de condenação de

uma mulher que roubou um bocado de presunto para matar a fome:

“A esta já ninguém livra da carga de fazer vergar as pernas ao mais forte.”

Responde o escrívão:

“É o que acontece a quem não tem presentes para mandar ao juiz nem pertence a uma família respeitável”.

Noutra carta a Unamuno (1908) diz acerca da Europa: “A Europa despreza-nos; a Europa civilizada ignora-nos; a Europa medíocre, burguesa, prática e egoísta, detesta-nos, como se detesta gente sem vergonha, sobretudo... sem dinheiro.”

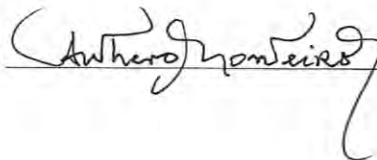
Mais adiante: “Quando penso que sobre nós pesa a herança trágica, secular, duma ignorância podre e duma corrupção criminosas, o meu espírito enegrece e sinto-me adentrado dum pavor indizível, talvez absurdo.”

E ainda: “Portugal atravessa uma hora indecisa, gris, crepuscular, do seu destino.”

Depois de ler estes excertos do pensamento laranjeiriano, quem procura hoje estar informado acerca do seu país, da Europa ou do Mundo, usando os jornais diários, os telejornais ou a web, sentirá certamente que a sociedade atual poderá ser diferente no âmbito da tecnologia, das modas, das artes, das ciências, eventualmente de muitos outros parâmetros. No entanto, no âmbito das classes sociais, das relações de poder, do humanismo, das atitudes e comportamentos, de muitos outros aspetos civilizacionais e sociais, encontrará facilmente paralelismos flagrantes entre as censuras aduzidas por ML e as práticas atuais. Em cada um dos parágrafos destes excertos, ver-se-á claramente que a sociedade nada tem a ver com o Mundo melhor sucessivamente sonhado e prometido geração após geração. Até aquilo a que se deu o nome de Revolução dos Cravos não foi afinal uma verdadeira revolução. Se Laranjeira tivesse vivido estes tempos diria o mesmo que disse acerca da revolução republicana.

Data: 10 / 11 / 2016

Assinatura



ANEXO XVII

Figura 5. Entrevista realizada aos proprietários da casa Manuel Laranjeira dia 7 de Novembro de 2016.



Donzília Alagoinha Filipe
Doutoranda em Línguas,
Literaturas e Culturas, na
especialidade Estudos Literários
Comparados na FCSH-UNL.

Lisboa, 31 de Outubro de 2016

Exma. Senhora Margarida Fonseca,

O meu nome é Donzília Alagoinha Filipe sou aluna do terceiro ciclo de doutoramento em Línguas, Literaturas e Culturas.

No presente momento estou a realizar um trabalho de investigação, inserido no projecto da dissertação de doutoramento em Línguas, Literaturas e Culturas, na especialidade Estudos Literários Comparados, na Faculdade Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa. Sob orientação da Professora Doutora Helena Barbas.

A minha tese tem o título «As Representações da Morte em Prosa de Stefan Zweig e Manuel Laranjeira». Este estudo é a uma análise comparativa entre obras de dois autores: o português Manuel Laranjeira [1877-1912], médico de profissão e o austríaco Stefan Zweig [1881-1942)]. Ambos escritores viveram épocas e culturas diferentes (a portuguesa e a germânica) partilhando o início do século XX e o terrível facto biográfico do suicídio. Entre outros aspectos a abordar, pretendo consolidar um pensamento crítico em torno da construção narrativa pela qual se efectiva a imagem literária da morte e do suicídio; bem como destacar semelhanças e diferenças entre os aspectos psicológicos, sociais e históricos das respectivas culturas.

Perante a análise da bibliografia, venho solicitar a V. Ex.^a a sua colaboração. Pedia-lhe o favor de responder por escrito (na página anexa) às questões abaixo. O objectivo seria poder incluir mais informação fidedigna no meu projecto de investigação. Os dados serão posteriormente analisados e incluídos na minha tese de doutoramento.

As questões seriam as seguintes:

- 1- Como moradores e proprietários da casa de Manuel Laranjeira, qual o sentimento que têm sobre o escritor e o seu espaço onde viveu?
- 2- Já conheciam o escritor? O vosso interesse aumentou pela obra do escritor depois de estarem na casa onde ele habitou?
- 3- Que opinião tem sobre o escritor?
- 4- Desde que estão a morar nessa casa, os habitantes de Espinho e o público em geral tem nutrido um maior interesse em conhecer a obra de Manuel Laranjeira?

Agradeço a sua disponibilidade e a colaboração prestada,

A doutoranda, *Donzília Filipe*

Respostas:

1- Como moradores e proprietários da casa de Manuel Laranjeira, qual o sentimento que têm sobre o escritor e o seu espaço onde viveu?

O facto de sermos os proprietários da casa onde viveu e morreu Manuel Laranjeira, gera em nós um sentimento de respeito pela sua memória e obriga-nos a preservá-la, até onde isso nos for possível.

Muita gente pára para ler a placa comemorativa dos 75 anos da sua morte e muitas vezes perguntam “Quem foi Manuel Laranjeira”?

Respondendo a esta pergunta temos a oportunidade de levar mais longe a sua memória.

2 - Já conheciam a obra do escritor? O seu interesse aumentou depois de estarem na casa onde ele habitou?

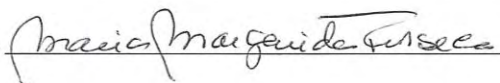
Sim, já conhecíamos o nome de Manuel Laranjeira, mas o facto de vivermos nesta casa levou-nos a ler a sua obra e termos um maior conhecimento de quem foi esta personalidade.

3- Que opinião tem sobre o escritor?

A minha opinião pessoal, leva-me a destacar a sua obra poética, talvez porque sou amante da poesia. Mas interesse-me também pelo seu diário, pelos contos e mais recentemente li um livro de Bruno Monteiro que reúne todos os seus textos publicados nos jornais e que estavam dispersos. Fiquei a admirá-lo ainda mais.

4- Desde que estão a morar nessa casa, tem aparecido gente a querer conhecer mais informação sobre Manuel Laranjeira?

Sim. No ano lectivo de 2014/2015 apareceram-me um grupo de jovens estudantes da Escola Manuel Laranjeira. Não lhes deram quaisquer elementos de pesquisa. Vieram a esta casa e timidamente pediram ajuda. Passei com o grupo duas tardes, pondo à disposição deles toda a literatura que tenho; ficaram radiantes e parece-me que o trabalho foi bem feito, embora não tenha tido acesso a este mesmo depois de concluído.

Assinatura 

Data: 7/11/2016

ANEXO XVIII

Figura 6. Carta de Manuel Laranjeira a Manuel Luís de Almeida de 26 de Julho de 1903.

Laranjeira, Manuel. *Cartas. Apud. Obras de Manuel Laranjeira*, vol. I, 1ª ed., Lisboa, Asa, 1993, pp. 334-335.

A Manuel Luís de Almeida

I

Meu caro Almeida:

Recebi o seu livro e a sua carta. Quanto ao livro – muito agradecido; quanto à carta – uma reflexão. Eu desejo que se não saiba que enviei essa carta ao fadista Garção, para que ninguém se lembre de tirar desse facto, que não foi para mim mais do que o cumprimento de um dever vulgar, conclusões depreciativas para mim, que me obriguem a vir à publicidade numa arrancada necessária. É que, meu amigo, estou farto de arrancadas literárias. A vida vai correndo numa enxurrada de porcarias e lama. Deixá-la correr, pois. Pôr-lhe diques é mais do que disparate: é rematada loucura.

Não diga, pois, a ninguém, a ninguém, essa história, que o meu amigo achará de uma estupenda honestidade e lealdade – por esta simples razão: estamos numa sociedade, onde os mais vulgares actos de virtude já constituem monstruosas raridades. Creia que me magoaria imenso que amanhã essa história estivesse divulgada. Porque deixe-me dizer-lhe aqui muito ao ouvido esta coisa que a vida me tem ensinado: eu quase tenho vergonha de ser honesto... totalmente ridículo é hoje ser-se honesto. Ridículo e prejudicial.

Variando: não me esquecerei de visitá-lo para o próximo mês. Mas não me vá você profetizando que serei a delícia da praia deste ano, porque, então, não vou.

Lembre-se que eu sou aquilo que me chamaram os janotas da literatura nacional – um porcalhão. A limpeza deles, confesso-o, é que eu não tenho, nem jamais terei.

E vá de variar ainda: meu sobrinho esfolia-me a paciência por causa do Júlio Verne. Foi você que me meteu nestas allhadas, seu criminoso.

Escreva sempre, escreva amiúde. Ou você só é fecundo para me contundir em artigos de estética pictural?

Os literatelhos daí ainda me desacreditam? Ajude-os, por favor. Porque, se lhes dá para me admirarem – eu suicido-me.

Seu Manuel Laranjeira

– *Em suplemento*: Poderá você instruir-me desde já se essa edição das *Prosas* do Antero em que me falou terá possibilidade em arranjar-se? Informe-se com o seu amigo que sabe de tudo isto. E diga-me também alguma coisa sobre literatura espanhola clássica. Olhe: se me enviar o Júlio Verne junte-lhe o teatro de Calderón de la Barca.

Não se esqueça de escrever. Seu muito

Espinho, 26 de Julho de 1903

Manuel Laranjeira

ANEXO XIX

Figura 7. Carta de Stefan Zweig a Rainer Maria Rilke de 5 de Agosto de 1907.

Beck, Knut *et al.* *Stefan Zweig, Briefe 1897-1914*. 1ª ed., Frankfurt am main, S. Fischer Verlag, 1995. pp. 156-159.

An Rainer Maria Rilke

Wien, VIII

Kochgasse 8

5. August 1907

Sehr verehrter, lieber Herr Rilke, Ihr Brief war mir, so sehr jedes Schreiben von Ihnen mir sonst ungetrübte Freude ist, peinlich durch die Mitteilung, daß ich nun wieder Sie werde versäumen müssen. Die Hoffnung gebe ich freilich nicht ganz auf: vielleicht, daß ich vorher nach Paris oder Sie später nach Italien kommen – man trennt sich so schwer von einer Hoffnung, die einem fast schon ein Bedürfnis ist.

Und nun vor allem: ich möchte Ihnen nur sagen, daß in dem, was ich von den »Wiener Kreisen« schrieb, meinerseits durch unklaren Ausdruck ein Mißverständnis verschuldet war. Gerade in Wien leben zwei Dichter, die ich unendlich liebe und bewundere, Hofman[n]sthal und Beer-Hofman[n], die ich so sehr liebe, daß ich bei meinen eigentlich flüchtigen Aufenthalten nie Gelegenheit gesucht habe, sie kennen zu lernen aus irgend einer Angst, ihnen zu gering zu sein oder ein Störer ihrer Zeit. Was ich meinte, war dies: ich liebe so sehr Ihr Werk und bin so durchdrungen von der Überzeugung, es müsse jedweden, der sich ihm vorurteilslos hingibt, niederbeugen, daß mir immer war, als ob das stete und beharrliche Verschweigen Ihres Werkes irgend einen innern Widerstand zur Ursache haben müsse. Ich kenne hier ein paar junge Leute, die, ich möchte sagen, trunken sind von Ihren Versen, die nichts tiefer ersehnen, als Sie einmal lesen oder reden zu hören, ich sehe, wie diese von Kunst und unserer Kunst nicht reden können, ohne Ihren Namen zu nennen: und sah andererseits diese Leute, die Kunstschaffen zu ihrem Lebensziel gesetzt haben, unablässig das Neugeschaffene und die neuartigen Werte vergleichend betrachten, und doch so blind an Ihrem Namen und Werk beständig vorbeigehen, daß ich, der diese sonst als Scharfhinblickende kannte, mich erregt fragte, ob sie nicht aus irgend einer Absicht heraus die Augen da verschlossen. Das Gleiche ist mit Verhaeren: er, der mir irgendwie ein Mittelpunkt einer europäischen und im tiefsten Sinne zeitgenössischen Weltbetrachtung

scheint, ist nicht einmal ein Name für diese, die doch mit allen Namen des Auslands eifrig agieren und wohl auch ehrlich bemüht sind, alles Neue in das Bestehende einzudeuten. Aber sie stehen – und so meinte ich es – in einem Kreis und sehen nur nach innen: was da hineintritt oder sich mit dem Schatten in diese Fläche schiebt, fällt in ihre Betrachtungen; die Erscheinungen, die aber frei außen schweben, entgehen ihrem Blick und sie haben nicht tätige Neugier und Liebe genug, ihnen nachzugehen. So dachte ich auch das Abgeschlossensein des Kreises, nicht nach Außenhin, als ein Sich-Verschließen, sondern nach innen, als eine Selbstbegrenzung des Blickes. Als Wandernder und eines Ruhepunktes eigentlich Entbehrender wäre ich ja außer Stande mich einem Kreise einzuschließen (und fühle mich viel zu gering, um je ein Mittelpunkt zu sein). So, in diesem ganz äußeren Sinne der räumlich Abgelösten, hatte ich gemeint, daß zwischen uns eine Gemeinsamkeit wäre gegenüber dem Ruhenden und schon Eingegrenzten (wobei ich Gemeinsamkeit immer nur so fühle, daß ich Vieles von Ihnen deutlicher empfinden und nachleben könnte, weil es irgendwie Ergänzungen in mir hat.) Im kleinlich litterarischen Sinne hab' ich es nie verstanden und, bitte, denken Sie nicht so von mir.

Meinen »Verhaeren« sende ich Ihnen heute. Trotz manchem, das ich heute anders sagte, [(] insbesondere der etwas mit Fremdwörter[n] überfütterten Einleitung) ist es eigentlich mein Lieblingsbuch, weil es für Verhaeren eine Tat war, und Verhaeren ist mir das vielleicht schönste Erlebnis, seine Zuneigung mein liebster Besitz. Ich weiß nicht, inwieweit es Ihnen bereits vergönnt war, diesem als Menschen unvergleichlichen Künstler persönlich näher treten zu dürfen und die schöne Lebenskunst an ihm zu bestaunen, die aus gütigster und mildester Beobachtung des Lebens langsam sich in ihm aufgebaut hat. Ich würde Ihnen gerne das senden, was ich bisher über ihn schrieb, aber es sind nur Kleinigkeiten: ich halte mich noch zurück, über ihn zu schreiben aus Furcht vor meiner fast leidenschaftlichen Liebe. Ich empfinde ihn als den Größten von heute, wage es aber nicht zu sagen, aus Furcht, wie ich andeutete, daß dies sei eine aus persönlicher Bewunderung und nicht aus kritischer entwach-

sene Betrachtung: so lege ich mir ein Zögern auf, das mir manchmal sehr schwer fällt. Ich habe mich in den letzten Wochen sehr bemüht, eine Vortragstournée für Verhaeren in Deutschland zusammenzustellen. Ich fand vielfach Zustimmung, Hamburg, München, Wien, Prag sind sicher, aber die Schwierigkeiten, die Vorträge in eine Zeitreihe zusammenzukoppeln, erwiesen sich für dieses Jahr als unüberwindlich. Vielleicht haben Sie die Güte, die verschiedenen Vereine anlässlich Ihrer Vorträge auf Verhaeren aufmerksam zu machen und mir für nächstes Jahr die Vermittlung zu erleichtern. In Hamburg hat sich auf meine Bitte hin Dehmel, in München Leo Greiner auf das wärmste eingesetzt und Ihre Unterstützung wäre mir da sehr willkommen. Verhaeren's Werk verbreiteter und wirksamer zu sehn, ist eines meiner wenigen Ziele, die unabänderlich sind.

Wenn Sie über Verhaeren schreiben wollen, so sind die Bücher von Albert Mockel und Léon Bazalgette als Material unentbehrlich. Bazalgette ist mein liebster Freund in Paris, auch mit Mockel stehe ich recht gut und ich würde mich sehr freuen, dürfte ich Sie mit beiden bekannt machen. Bazalgette ist einer der herzlichsten und prächtigsten Menschen, die ich kenne, Mockel einer der feinsten Köpfe des jungen Frankreich, beide sind intime Freunde Verhaerens. Soll ich ihnen eine Zeile schreiben?

Über Ihre Versauslese freue ich mich, mit Ihnen zu sprechen und hoffe, Sie zu überzeugen. Ich habe oft, besonders im Ausland, wenn ich von Ihnen sprach und man mich nach dem Werke fragte, das man sich kaufen könnte, zögern müssen, weil ich nicht wußte, ob man Sie gleich mit dem reifsten Werke, dem »Stundenbuch« vorstellen dürfte oder lieber mit einem früheren, das aber doch nicht mehr Ihnen entspricht. Dadurch und durch die Schwierigkeit für den Nichtlitteraten, sich von verschiedenen Verlegern Werke kommen zu lassen, wurde ich zuerst aufmerksam gemacht, wie schwer Sie es Ihrem Werke machen, sich lieben zu lassen und wie viele Sie um eine Freude bringen, die Sie doch als Schaffender eigentlich innig gewähren wollen. Und ich glaube, solchen Zwecken entgegen sind alle

persönlichen Bedenken über Unzulänglichkeiten des Einzelnen und kritisches Schamgefühl, arm und matt. Hier wie immer denke ich nicht an den litterarischen Erfolg, sondern an die Erfüllung einer vielleicht noch ungeborenen Sehnsucht bei all denen, die Ihr Werk lieben könnten.

Sobald Sie wissen, wann Ihre Vorträge beginnen und enden, senden Sie mir, bitte, eine Zeile mit den Daten Ihres Aufenthalts in Paris, in Wien und in Italien. Vielleicht kann ich es doch noch so einrichten, daß ich Ihnen da oder dort begegne. Jedenfalls grüßt Sie noch früher meine Tragödie. Ihr innig ergebener

Stefan Zweig

ANEXO XX

Figura 8. Carta a Hoffmannsthal datada do dia 16 de Fevereiro de 1908.

Beck, Knut *et al.* *Stefan Zweig, Briefe 1897-1914*. 1ª ed., Frankfurt am main, S. Fischer Verlag, 1995, pp.164-165.

An Hugo von Hofmannsthal

Wien, 16. II. 1908

Sehr verehrter Herr von Hofman[n]sthal,

ich danke Ihnen innigst für Ihr schönes Geschenk, das mir doppelt wertvoll ist: als Gedicht und als gütiges Zeichen freundlicher Gesinnung. Einmal hatte ich schon die Feder angesetzt, Ihnen zu schreiben; mir fiel nämlich ein, daß Sie vielleicht Spoelbergh [!] van Loevenjouls interessantes Buch »Histoire des œuvres de Balzac« nicht kennen, das ich mir eben aus Paris verschrieb und das den Ihnen vielleicht unbekannten Plan der ganzen Comédie humaine enthält, die Aufzählung der ungeschriebenen Romane (Moscou, La plaine de Wagram etc.). Sollten Sie es wünschen, so schicke ich's Ihnen sofort, wie ich's

in Händen habe. Mein Aufsatz ist ja nicht so wichtig wie der Ihre, beschränkt sich übrigens ganz auf einen Versuch der Philosophie Balzac's und ich plage mich eben um einen Titel, diese Einschränkung entschuldigend zu vermerken. Zu einem Vortrag, den ich nächste Woche über Balzac halte, will ich mir Ihre Gegenwart gar nicht erbitten: er wird nur in weitesten Linien die Fülle des Themas zu umgreifen suchen, um in Wien das Interesse für die neuen Ausgaben wachzurütteln.

Haben Sie Ihren Essay schon abgeschlossen oder kennen Sie schon Spoelbergh's Buch, dann fällt alles, was ich heute zu Ihnen sagen wollte, zusammen in das Wort: herzlichen Dank. Das und noch viele ergebene Empfehlungen in Verehrung getreu!

Stefan Zweig

ANEXO XXI

Figura 9. Carta de Manuel Laranjeira a Miguel de Unamuno datada de 14 de Outubro de 1908.

Laranjeira, Manuel. *Cartas. Apud. Obras de Manuel Laranjeira*, vol. I, 1ª ed., Lisboa, Asa, 1993, pp. 465.

Amigo:

Cá recebi os volumes de Ganivet e o *Romancero* que me enviou pelo correio. Eu já devia ter-lhe escrito, pelo menos a agradecer-lhe tamanha gentileza. Esta demora explica-se pelo estado doentio dos meus nervos infelizes. É que nestas ocasiões eu sou um parálítico, mesmo para as coisas mínimas da vida.

Perdoe-me, sim?

Também tenho em meu poder uns livros para mandar-lhe: *Os Gatos*, de Fialho de Almeida, e as *Odes Modernas*, de Antero de Quental. Ainda não pude ir ao Porto (tanta e tanta é a minha preguiça e sobretudo o meu infinito horror àquele ar imundíssimo da cidade!) procurar os volumes das crónicas de Fernão Lopes que prometi arranjar-lhe. Tudo isso lá irá ter a Salamanca.

Li *Poesias* e o livro de comentários ao *Quijote*. É claro: confirmei o que já supunha, isto é, que V. é um artista sobretudo, melhor, um poeta e um poeta que escreve belíssimos versos – em prosa.

Apesar disso, estou convicto de que V. ainda não escreveu a melhor obra do seu espírito, quero dizer, aquela obra que será o seu próprio espírito convertido em arte. V., amigo, como todas as criaturas superiores, vivendo acima e além do seu tempo, é uma sensibilidade ansiosa de eterno, faminta de absoluto, e o seu espírito tem sede de imortalidade. Se me permite a comparação, eu diria que V. está como aquele Don Quijote, sonhador e idealista, antes de sair da sua aldeia da Mancha a buscar aventuras e a realizar na terra a sua obra de justiça. E, como ninguém se resigna a ser Quijote de braços cruzados, melhor, de braços caídos, essa obra realizar-se-á necessariamente. Será um poema, estou convicto de que será um poema.

Perdoe-me estas considerações inúteis e creia na profunda estima do

Espinho, 14 de Outubro de 1908

Amigo do coração
e admirador

Manuel Laranjeira

ANEXO XXII

Figura 10. Carta de Stefan Zweig a Sigmund Freud datada do dia 21 de Outubro de 1932. Beck, Knut *et al.* *Stefan Zweig, Briefe 1932-1942*. 1ª ed., Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 2005, pp.35-36.

An Sigmund Freud

Salzburg 21. Oct 1932

Hochverehrter Herr Professor, lassen Sie mich Ihnen für Ihre besondere Güte danken – ich weiß, was es bedeutet, wenn ein Mann Ihres Ranges und Ihrer Arbeitsfülle einem Buche seine Zeit widmet; alles was ich schreibe ist von Ihnen beeindruckt und vielleicht spüren Sie, daß der Mut zur Wahrhaftigkeit, der möglicherweise das Wesentliche meiner Bücher ist, von Ihnen stammt: Sie haben einer ganzen Generation ein Vorbild gegeben.

In dem Falle des Dauphin hatte ich noch mehr Material, als ich verwertete. Aber es war mir zu grausam, das Wort zu berichten, das er vor beglaubigten Zeugen sagte »Quand guillotiner-t-on enfin ces sacrées putaines [!]«. Auch dies hatte er offenbar gehört und, weil er es als lustig empfand (und vielleicht aus einem geheimen Haß) nachgesprochen.

Viel Material über all diese Dinge hat ein französischer Arzt gesammelt, D^r Cabanès in seinen »Indiscrétions de l'histoire «[.] »Les morts mystérieux [!]« ect. Dieser Mann hat mit bewundernswerten [!] Fleiß alle Sexualia der Geschichte gesammelt und medicinisch überprüft – leider aber ohne eine Ahnung von Psychoanalyse zu haben, so daß alle diese Schätze heute ungemünzt daliegen. Vielleicht könnten Sie einige Ihrer Schüler

einmal auf diese Reihe aufmerksam machen, damit sie dieses köstliche Material verwerten (ich danke ihm für die Marie Antoinette die ersten entscheidenden Hinweise, denen ich dann nachgieng und die er psychologisch nicht zu verwerten wußte.) Er hat den Instinct, den Fleiß, er spürt das Interessante, er versteht nur leider nicht – weil ihm eben die Kenntnis Ihrer Methode abgeht – die Phänomene zu deuten: er zählt sie nur auf. Aber in den 20 kleinen Bänden ist für den Forscher ein ganzes Bergwerk des Wissens.

Lassen Sie mich, verehrter, teurer Meister, nun noch den Wunsch aussprechen, Ihre herrliche und unvergleichliche physische Frische, Ihre schöpferische Neugier möge uns lange noch erhalten bleiben; eine so vom Geist verlassene Zeit wie die unsere benötigt die intellectuelle Autorität. Und wie wenige sind, die uns führen und belehren!

In treuer Verehrung

Ihr stets ergebener
Stefan Zweig

ANEXO XXIII

Figura 11. Carta de Manuel Laranjeira a Amadeo de Souza-Cardoso de 8 de Novembro 1905.

Laranjeira, Manuel. *Cartas. Apud. Obras de Manuel Laranjeira*, vol. I, 1ª ed., Lisboa, Asa, 1993, pp. 386.

A Amadeo de Souza-Cardoso

1

Meu amigo:

Escrevo-lhe numa tarde brumosa, triste, de uma tristeza lúgubre. E escrevo-lhe, para que você me perdoe o meu silêncio. Demais você sabe que o meu silêncio é o meu tédio, este desolamento de morte, este desânimo, este cansaço prematuro – em face dos homens, das coisas e da vida.

A impressão que a futilíssima vida lisboeta lhe está causando a você é a impressão que ela causa a todos aqueles que com um pouco de saúde para lá foram empurrados. Certo: Lisboa é boa para conselheiros, pelintras – e para todos os outros mariolas.

O que ela não serve é para a gente moça, para quem ainda tem no peito ilusões sagradas como ideais, como culto. Isto é: para uns, Lisboa serve apenas para estragá-los. Lisboa é um símbolo, o resumo da torpeza nacional: aos que não corrompe, enoja-os.

Eu desejava tanto falar-lhe de mim (egoísmo meu!), mas este sombrio estado de espírito em que me acho paralisa-me a vontade, o braço, e faz-me cair nesta quietude nostálgica a que os budas chamam tédio doloroso.

Mando-lhe o meu ...*Amanbã*. Já há dias que aí tenho um exemplar para lhe enviar e tem-me faltado a coragem para escrever uma simples direcção. É um episódio da vida das alfurjas, dos antros do sofrimento, do vício...

Ali fervilha, sente, fermenta, sofre, ama, vive, um mundo que você não conhece, meu amigo. Aquilo é um grito da miséria contra a Engrenagem em que tudo isto rola. Alguém quis ver no livro tendências anarquistas. Nem você imagina como a estupidez humana me entristece. Porque alguém diz que o mundo é torpe e criminoso e em nome do sofrimento humano, da miséria irresponsável, reclama um pouco de justiça – é anarquista (!!!).

Sindeus!

Abraça-o muito e muito afectuosamente o seu deveras amigo e admirador

Espinho, 8 de Novembro de 1905

Manuel Laranjeira

ANEXO XXIV

Figura 12. Carta escrita por Stefan Zweig a Friderike Zweig a 27 de Outubro de 1941.

Beck, Knut *et al.* *Stefan Zweig, Briefe 1932-1942*. 1ª ed., Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 2005, pp. 319-321.

An Friderike Maria Zweig

Petropolis, 27. October 1941

L. F. Dank für Deine beiden Briefe, Luftpost und gewöhnlich, die mich beide hier ziemlich prompt erreichten. Es ist jetzt schön sonnig hier und noch ganz still; ich könnte mir nicht denken wie Du mit Deinem Geselligkeits- und Tätigkeitstrieb ein so absolut abgesondertes und ereignisloses Leben ertragen könntest. Mir tut es zunächst sehr gut. Ich fühle mich körperlich viel besser, die persönlichen Sorgen beschäftigen mich nicht mehr wie dort, aber andere[r]seits wächst das Grauen über die Zeit ins Ungemessene. Wir stehen doch erst am Anfang oder in der Mitte des Krieges, der wahrhaft erst mit dem Eingreifen der letzten neutralen Mächte beginnt und dann kommen noch die chaotischen Jahre des Nachkriegs. Ich fühle mich gehemmt in meinem Wirken in jedem Sinne – in dem Original werden die Bücher vermutlich kaum mehr erscheinen und mein ganzes Denken und Betrachten ist an europäische, ja sogar lateinische Mentalität gebunden; außerdem fehlt mir überall Material. Das Mspt. meines Balzac ist noch immer nicht gekommen und auch dann hätte ich es schwer. Ich träume von einer Art österreichischen Romans, aber dazu müßte ich zehn Jahrgänge Zeitungen durchlesen um die Einzelheiten zu bekommen – das gienge nur in Newyork und dahin will ich auf

absehbare Zeit nicht zurück. Dazu noch der Gedanke, daß man nie mehr Haus, Heimat[,] Verlag haben wird und seinen Freunden nicht mehr mit dem Kleinsten helfen kann, da alles gebunden ist: hier ist das Gute, daß man zum Leben so wenig braucht und deshalb Zeitungsschreiberei zurückstellen kann. Aber ich fühle immer Sorge um die Production die ohne Zufuhr auslöschen muß wie ein Licht ohne Sauerstoff. – Wegen Masereel habe ich wieder geschrieben, ich glaube es liegt nur an ihm, sich zu entschließen nach Columbien zu gehen, vielleicht hat sein Zögern schon wieder alles erschwert, denn alles war für ihn geordnet. Wegen Lucca [!] kann ich hier nichts tun, es werden keine Visas mehr ausgegeben und D^r Kris kann da schon gar nichts veranlassen. Sprich doch noch einmal mit Kesten der sich so wie Broch am besten auskennt und hilfreich ist. Freilich was aus ihnen allen, den Ehrensteins ect werden soll, die seit einem Jahrzehnt schon von Unterstützung leben[,] unübersetzbar sind und ohne productive Kraft mag ich mir gar nicht vorstellen. Ich bin froh daß ich jetzt die Autobiografie abschließe, sie ist theils belebter, theils conciser geworden – wie und wo sie erscheint ist freilich noch die Frage. Hoffentlich sind Deine Sachen bald erledigt und ich freue mich, daß Du in Deinem eigenen Zimmer wohnst – niemand weiß besser als ich wie das Provisorische auf einem lastet. Was kann das Alter noch Gutes bringen, früher Sammlung, Rast, Rückblick und Ehre, heute Hetzjagd, Wegblick, Gehässigkeit. Ich bin schon recht verzagt und es ist wirklich nur die wunderbare Stille und Ab[ge]schiedenheit, die mich noch in Schweben hält. Könnte ich eine neue große Arbeit beginnen so wäre vieles besser, aber für jede steht das Hemmnis der mangelnden Documentierung entgegen. Mich lockte sehr über Montaigne zu schreiben, den ich jetzt viel und mit größtem Genuß lese, ein anderer (besserer) Erasmus, ganz ein tröstlicher Gast. Aber hier gibt es soviel wie nichts über ihn und ich weiß nicht einmal ob ich in America die Bücher anschaffen könnte – man braucht doch die ganze Sphäre einer Zeit, um den Menschen darin zu verstehen. Ich sagte mir zuerst immer: den Krieg überdauern und dann neu beginnen. Aber ehe er zu Ende ist und ich wieder irgendwo seßhaft werden kann [wer-

den] zwei, drei, vier Jahre mindestens hingehen, unersetzliche, und andererseits sind die materiellen Sicherungen dahin; dieser Krieg vernichtet[,] glaube ich, bis ins letzte alles was die vorige Generation aufgebaut. Das Einzige Positive ist hier unser stilles einfaches abseitiges Leben ohne Zeitungsnotizen und Besuche[;] ich lese viel, zum erstenmal eigentlich genau Wilhelm Meister und ähnliches. Aber wird diese contemplative Pause noch lange möglich sein? Ich bin froh, daß unser Radio nur die brasilianischen Nachrichten gibt und Journale lese ich drei Minuten – es ist zu grauenvoll an all das Elend zu denken; Montaigne spricht von der Classe Menschen, die das Mitleiden in der Phantasie besitzen, mit innigem Bedauern und rät ihnen Rückzug und Abseitigkeit. Ein paar Prozent Egoismus und Phantasielosigkeit hätten mir im Leben viel geholfen; jetzt ändert man sich nicht mehr. Nebenbei, ich flehe Dich an, sage niemandem von meinem Geburtstag, ich liebe jeden, der mich nicht daran erinnert, als aufrichtigen Freund. Alles Gute

Stefan

ANEXO XXV

Figura 13. Carta escrita por Manuel Laranjeira a Miguel Unamuno a 15 de Fevereiro de 1912.

Laranjeira, Manuel. *Cartas. Apud. Obras de Manuel Laranjeira*, vol. I, 1ª ed., Lisboa, Asa, 1993, pp. 485.

Meu amigo:

Peço a um amigo meu para me escrever esta carta a ver se consigo em duas palavras dar-lhe conta de mim.

No começo do ano passado adoeci com uma febre hepática que me prostrou na cama e creio até que me levará à morte. Aí está porque lhe não escrevi.

Mas durante a minha doença não calcula V. o número de vezes que me lembrava.

A sua última carta encheu-me de alegria, porque o vejo outra vez forte, vigoroso e sem aquele abatimento da sua primeira carta.

Fico por aqui.

Adeus, meu querido amigo, até... não sei quando.

Espinho, 15 de Fevereiro de 1912

Do coração
Manuel Laranjeira

P. S. De facto não recebi o livro de sonetos. A respeito de política, desde o começo da minha doença, ignoro o que se passa no meu país.

ANEXO XXVI

Fotografia 12. Richard Strauss, para quem Stefan Zweig fez o libreto da ópera *Uma mulher Silenciosa*.

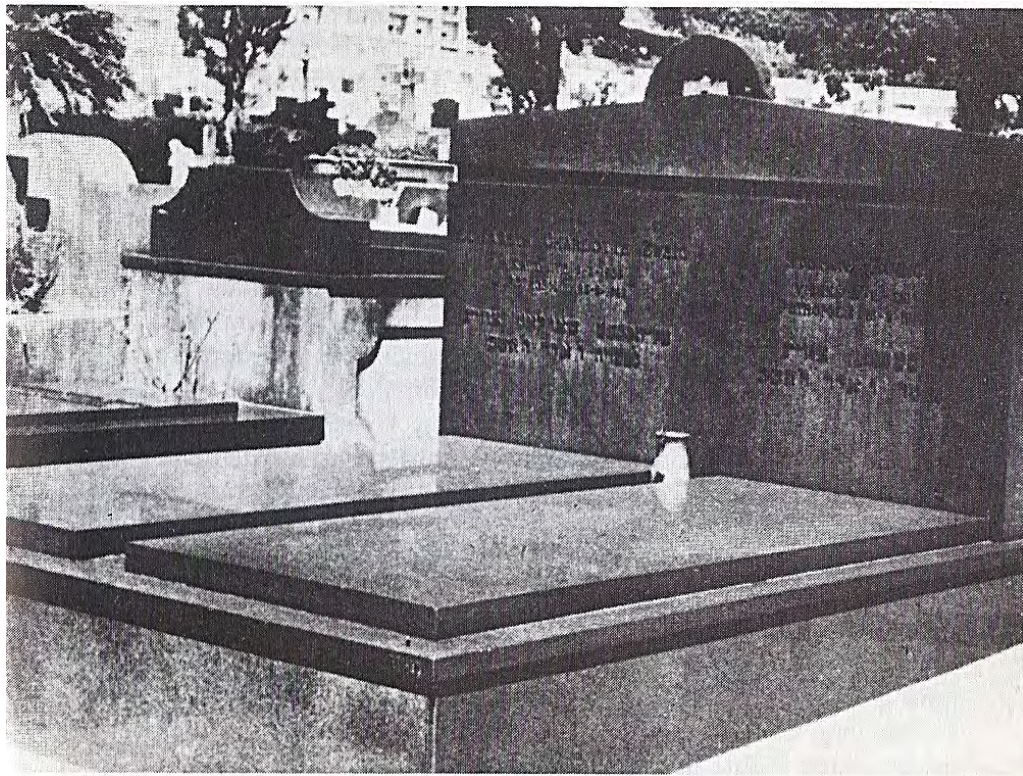
Fonte: <http://www.casastefanzweig.org> [Acedido Março 2015].



ANEXO XXVII

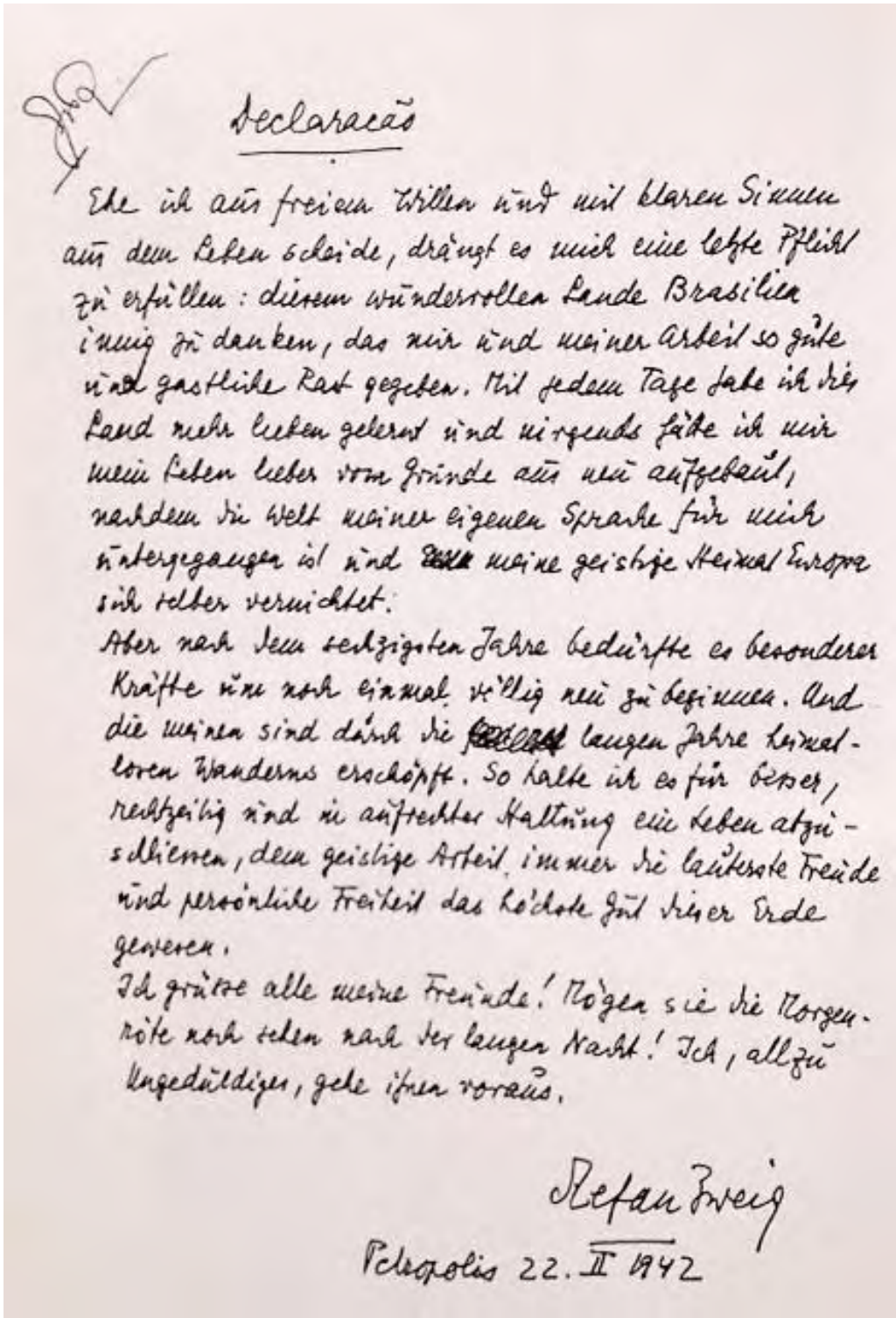
Fotografia 13. Campa de Stefan e Lotte Zweig em Petrópolis, Brasil.

Müller, Hartmut. *Stefan Zweig*. Hamburg: Verlag, 2008, pp. 9.



ANEXO XXVIII

Figura 14. Declaração. Último documento escrito por Stefan Zweig antes da sua morte. Dines, Alberto. *Morte no Paraíso - A Tragédia de Stefan Zweig*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Círculo de Leitores, 2004, pp. 512.



Declaração

Ehe ich aus freiem Willen und mit klarem Sinnem aus dem Leben scheide, drängt es mich eine letzte Pflicht zu erfüllen: diesem wunderrollen Lande Brasilien innig zu danken, das mir und meiner Arbeit so gute und gastliche Rast gegeben. Mit jedem Tage habe ich die Land mehr lieben gelernt und nirgends hätte ich mir mein Leben lieber vom Grunde aus neu aufgebaut, nachdem die Welt meiner eigenen Sprache für mich untergegangen ist und ~~alle~~ meine geistige Heimat Europa sich selber vernichtet.

Aber nach dem sechzigsten Jahre bedurfte es besonderer Kräfte um noch einmal völlig neu zu beginnen. Und die mir sind durch die ~~letzten~~ langen Jahre heimatlosen Wanderns erschöpft. So hatte ich es für besser, rechtzeitig und in aufrechter Haltung ein Leben abzuschließen, dem geistige Arbeit, immer die leukste Freude und persönliche Freiheit das höchste Gut dieser Erde gewesen.

Ich grüße alle meine Freunde! Mögen sie die Morgenröte noch sehen nach der langen Nacht! Ich, allzu Ungeduldiger, gehe ihnen voraus.

Stefan Zweig
Petropolis 22. II 1942

ANEXO XXIX

Figura 15. Entrevista realizada ao Dr. Flávio Laranjeira, neto do escritor Manuel Laranjeira, no dia 8 de Novembro de 2016 em Espinho.



Donzília Alagoinha Filipe
Doutoranda em Línguas,
Literaturas e Culturas, na
especialidade Estudos Literários
Comparados na FCSH-UNL.

Lisboa, 31 de Outubro de 2016

Exmo. Senhor Doutor Flávio Laranjeira, com a respectiva cédula profissional: n.º.13337, local de trabalho: Clínicas Privadas.

O meu nome é Donzília Alagoinha Filipe sou aluna do terceiro ciclo de doutoramento em Línguas, Literaturas e Culturas.

No presente momento estou a realizar um trabalho de investigação, inserido no projecto da dissertação de doutoramento em Línguas, Literaturas e Culturas, na especialidade Estudos Literários Comparados, na Faculdade Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa. Sob orientação da Professora Doutora Helena Barbas.

A minha tese tem o título «As Representações da Morte em Prosa de Stefan Zweig e Manuel Laranjeira». Este estudo é a uma análise comparativa entre obras de dois autores: o português Manuel Laranjeira [1877-1912], médico de profissão e o austríaco Stefan Zweig [1881-1942]. Ambos escritores vivenciaram épocas e culturas diferentes (a portuguesa e a germânica) partilhando o início do século XX e o terrível facto biográfico do suicídio. Entre outros aspectos a abordar, pretendo consolidar um pensamento crítico em torno da construção narrativa pela qual se efectiva a imagem literária da morte e do suicídio; bem como destacar semelhanças e diferenças entre os aspectos psicológicos, sociais e históricos das respectivas culturas.

Perante a análise da bibliografia, venho solicitar a V. Ex.ª, a sua colaboração. Pedia-lhe o favor de responder por escrito (na página anexa) às questões abaixo. O objectivo seria poder incluir mais informação fidedigna no meu projecto de investigação. Os dados serão posteriormente analisados e incluídos na minha tese de doutoramento.

As questões seriam as seguintes:

- 1- Como médico, como avalia o trabalho literário de Manuel Laranjeira?
- 2- No seu ponto de vista, quais podem ser as principais causas que desencadeiam o suicídio, e quais as que as podem evitar?
- 3- Na sua profissão, já tratou alguém com tendência para o suicídio?
- 4- Quem considera ser o maior especialista no campo de estudos sobre Manuel Laranjeira? Porquê?
- 5- Como neto e médico de profissão, como descreveria o seu avô Manuel Laranjeira (daquilo que conhece dele)?
- 6- Tem conhecimento de algum texto da autoria deste escritor que o tenha influenciado?
- 7- Como médico, como avalia o contributo deste autor no campo científico?

Agradeço a sua disponibilidade e a colaboração prestada,

A doutoranda, *Donzília Filipe*

Cédula Profissional nº. 13337. Local de Trabalho: Aposentado da Função Pública. (Clínicas Privadas)

Respostas:

1- Como médico, como aprecia o trabalho literário de Manuel Laranjeira? Eu penso que o trabalho literário de ML, não pode ser dissociado da de médico. Por um lado, a ânsia de saber mais sobre o mundo, os homens, mas também sobre si próprio, incentivaram-no de certo modo a aprofundar os seus conhecimentos sobre a constituição e o funcionamento do corpo humano, fisiológica e psicologicamente; e, por outro lado as doenças que o atingiram muito cedo foram razões talvez decisivas, que o levaram a ser médico. Era dotado de uma bagagem cultural invejável, de conhecimentos científicos muito sólidos e actualizados, onde a biologia ocupa um lugar de destaque, como sendo “o evangelho dos homens de hoje”. Foi crítico da orientação científica da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde se licenciou em 1904, com elevada classificação, mas recusou-se de apresentar-se a concurso para professor, apesar dos apoios e pressões sobre ele exercidas para o fazer, dentro e fora da própria escola. Com alguns trabalhos notáveis, à época, nomeadamente a tese de doutoramento sobre Santa Teresa de Ávila - A Doença da Santidade, que lhe valeu a alta classificação de 19 valores, e A Cartilha Maternal e a Fisiologia- sobre o método de leitura de João de Deus, só foi possível serem escritos por um escritor de formação médica. Mas a intervenção de ML ultrapassa o âmbito médico. Desde muito novo se relaciona com os grandes vultos da cultura portuguesa e não só, com os quais troca ideias, e estes lhe reconhecem importância e o colocam na história da nossa literatura.
2-No seu ponto de vista, quais podem ser as principais causas que desencadeiam o suicídio, e quais as que a podem evitar? Indubitavelmente as doenças de que padecia, que sabia incuráveis. Que lhe afectaram de forma marcante o corpo e o espírito.” <i>Morte não vás tão depressa que ainda te não vivi!</i>” ... “Mas não me assusta a morte só me assusta ter tido tanta fé, na vida injusta e não saber sequer para que a vivi!” “<i>Isto há-de acabar mal decididamente, porque de dia para dia, me sinto mais derrotado, mais inútil</i>” ...
3- Na sua profissão, já tratou alguém com tendência para o suicídio? Como Pediatra nunca tratei ninguém com tendência para o suicídio. Apenas acompanhei.

4- Quem considera ser o maior especialista no campo de estudos sobre Manuel Laranjeira? Porquê? Manuel Laranjeira apesar de ter morrido ainda jovem, deixou-nos uma obra multifacetada de dramaturgo, poeta, cientista, político, revolucionário, etc. São vários os especialistas que se tem debruçado e continuam a debruçar sobre a personalidade, a vida e obra de ML nas suas múltiplas facetas. Talvez considere não apenas, mas três, pela seguinte ordem; -Bernard Bartocq (1985) -Antero Monteiro (2006) -Bruno Monteiro (2014)
5- Como neto e médico de profissão, como descreveria o seu avô Manuel Laranjeira (daquilo que conhece dele)? Um homem do seu tempo, para além do seu tempo.
6- Tem conhecimento de algum texto da autoria deste escritor que o tenha influenciado? É difícil escolher um, mas o “Pessimismo Nacional” - Texto em quatro partes publicado, em 1908, no jornal <i>O Norte</i>, marcou-me muito política e civicamente.
7- Como médico, como aprecia o contributo deste autor no campo científico? Julgo que na primeira pergunta, implicitamente respondo á quarta. Termino com uma declaração do meu avô – “<i>Eu gastei a mocidade, a saúde, metade da vida, a aprender</i>” ...

Cédula Profissional: nº. 13337 Assinatura

Data: 2016/11/08

